


CYBERRELAÇÕES: SUJEITOS E IDENTIDADES NAS REDES SOCIAIS

CYBERRELATIONS: SUBJECTS AND IDENTITIES ON SOCIAL NETWORKS

CYBER-RELACIONES: SUJETOS E IDENTIDADES EN LAS REDES SOCIALES

Paulo Ricardo Bavaresco¹
Sílvio Antônio Colognese²
Taíza Gabriela Zanatta Crestani³

 10.21665/2318-3888.v6n11p322-347

RESUMO

Neste artigo refletimos sobre os novos sujeitos e identidades que vêm sendo construídos através do uso das redes sociais na internet. Que argumentos justificam a criação de um perfil virtual? O que os usuários do Facebook, do Twitter ou do Instagram buscam ao fazer uso destas plataformas? Quais as implicações da valorização da projeção virtual dos acontecimentos? No intuito de contextualizar estas indagações e melhor compreendê-las, optamos pelo desenvolvimento de uma pesquisa de caráter qualitativo. Foram realizadas entrevistas com vinte sujeitos, acadêmicos de cursos de graduação da UNOESC-SC, nascidos na década de 1990 e que na época do desenvolvimento do estudo participavam de redes sociais e mantinham relações mediadas por instrumentos tecnológicos. A delimitação da amostragem deu-se por conveniência. Os dados oriundos da realização das entrevistas foram transcritos e analisados de acordo com as orientações do método hermenêutico-dialético. Como resultado, verificou-se que entre os vinte participantes, atrair a atenção é uma das prioridades do uso das redes sociais (visto que a intenção das postagens é receber “curtidas”), e que “ser popular” é considerado um ideal a ser conquistado. Conclui-se, neste sentido, que a dinâmica que mantém os usuários interconectados é narcísica, e que a necessidade excessiva de exposição, por ter se tornado cotidiana, incita a modificação das formas segundo as quais os sujeitos enxergam e definem a si. No ciberespaço, novos sujeitos e identidades se fundem em ‘modos de ser’ atualizados, os quais repercutem também no mundo das relações *off*. Buscar apreender estas implicações constituem alguns dos desafios a serem perseguidos para o desenvolvimento de estudos nesta área.

Palavras-chave: Internet. Ciberespaço. Redes Sociais. Sujeito. Identidade.

¹ Doutor em Ciências Sociais pela UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2010). Professor titular da UNOESC - Universidade do Oeste de Santa Catarina, Campus de São Miguel do Oeste (SC). E-mail: paulo.bavaresco@edu.com.br.

² Doutor em Sociologia pela UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS). Docente Efetivo da UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Toledo/PR, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. E-mail: silviocolognese@ibest.com.br.

³ Graduada em Psicologia pela UNOESC, Campus de São Miguel do Oeste/SC (2014), Especialista em Antropologia Cultural (2017), Mestranda em Ciências Sociais pela UNIOESTE, Campus de Toledo/PR. E-mail: taizagabriela2017@gmail.com

ABSTRACT

The article reflects on the new subjects and identities that have been built through the use of social networks on the Internet. What kind of arguments justify the creation of a virtual profile? What do Facebook, Twitter, or Instagram users look for when using these platforms? What are the implications of enhancing the virtual projection of events? In order to contextualize these questions and to better understand them, we opted for the development of qualitative research. We interviewed twenty subjects, undergraduate students from UNOESC-SC, born in the 1990s who, at the time of the study, were members of online social networks and had relationships mediated by technological instruments. The delimitation of sampling was for convenience. Data from the interviews were transcribed and analyzed according to the hermeneutic-dialectical method. As a result, we find that attracting attention is one of the priorities of using online social networks among the twenty participants (since the intention of the posts is to receive "likes"), and that "being popular" is considered an ideal to be conquered. Some conclusions are that the dynamic that keeps users interconnected is narcissistic. The excessive need for exposure, since it becomes a routine, implies modifications in the ways subjects see and define themselves. New subjects and identities merge into up-to-date 'ways of being', with repercussions in the dimension of off-line relationships. One of the challenges to be pursued for the development of studies in this area is trying to understand these implications.

Keywords: Internet. Cyberspace. Social Networks. Subject. Identity.

RESUMEN

En este artículo reflexionamos acerca de los nuevos sujetos e identidades que vienen siendo construidos a través del uso de las redes sociales en internet. ¿Qué argumentos justifican la creación de un perfil virtual? ¿Qué buscan los usuarios de Facebook, Twitter o Instagram al utilizar estas plataformas? ¿Cuáles son las implicaciones de la valorización de la proyección virtual de los acontecimientos? Con el afán de contextualizar estas indagaciones y mejor comprenderlas, optamos por el desarrollo de una investigación de carácter cualitativo. Se realizaron entrevistas con veinte sujetos, académicos de cursos de graduación de la UNOESC-SC, que nacieron en la década de 1990 y que en la época del referido estudio participaban de redes sociales y mantenían relaciones mediadas por instrumentos tecnológicos. La delimitación del muestreo se dio por conveniencia. Los datos provenientes de la realización de las entrevistas fueron transcritos y analizados de acuerdo con las orientaciones del método hermenéutico-dialéctico. Como hallazgos de la investigación, se pudo verificar que entre los veinte participantes, atraer la atención es una de las prioridades del uso de las redes sociales (ya que la intención de las publicaciones es recibir "reacciones"), y que "ser popular" es considerado un ideal a ser conquistado. Se concluye, por ello, que la dinámica que mantiene a los usuarios interconectados es narcisista, y que la necesidad excesiva de exposición, por haberse convertido en la cotidianidad, incita a la modificación de las formas según las cuales los sujetos ven y definen a sí mismos. En el ciberespacio, nuevos sujetos e identidades se mezclan en 'modos de ser' actualizados, los cuales repercuten también en el mundo de las relaciones off. Investigar a estas implicaciones constituye algunos de los desafíos a ser perseguidos para el desarrollo de estudios en esta área.

Palabras clave: Internet. Ciberespacio. Redes Sociales. Sujeto. Identidad.

Introdução

Este artigo compreende resultado parcial de um Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) desenvolvido durante o ano de 2014 na UNOESC – Universidade do Oeste do Estado de Santa Catarina, Campus de São Miguel do Oeste/SC. O objetivo central desta pesquisa foi refletir sobre as formas de utilização de redes sociais por indivíduos nascidos na década de 1990 - os chamados contemporâneos da internet.

Para tanto, optamos pela realização de uma pesquisa qualitativa. Foram realizadas entrevistas com vinte acadêmicos da Universidade supracitada, os quais se identificaram como “assíduos usuários” de redes sociais e se enquadravam na faixa etária requerida (entre 20 e 30 anos). Através do diálogo, buscamos: a) apreender os argumentos fornecidos pelos entrevistados para explicar a criação de perfis virtuais, bem como as suas expectativas no que se refere ao manejo das redes; b) identificar os critérios considerados pelos entrevistados no momento de “curtir” e “compartilhar” informações, “adicionar” e “excluir” pessoas; e c) verificar as implicações cotidianas caucionadas pelo uso constante das plataformas de relacionamento virtual.

Durante a transcrição das entrevistas foi possível perceber que questões relacionadas à autopercepção e percepção social eram sobressalientes nos relatos dos entrevistados, o que propiciou a ampliação do debate para a experiência da identidade no ciberespaço. Deste exercício resultou o presente trabalho, cuja ênfase recai sob os processos de construção da autoimagem dos sujeitos entrevistados nas redes sociais e as formas segundo a qual estabelecem vínculos com outros usuários.

Em questão de estrutura, destaca-se que o presente artigo está dividido em três partes: método (onde constam informações referentes às estratégias e procedimentos de seleção dos participantes, coleta e análise de dados), desenvolvimento (que compreende a apresentação do conteúdo oriundo da pesquisa de campo e sua articulação com o referencial teórico) e considerações finais (síntese dos resultados do estudo e demais apontamentos).

1. Método

1.1 Objeto, tema e questões norteadoras

Para atingir os objetivos descritos no corpo textual da introdução, optamos pela realização de uma pesquisa qualitativa. Segundo Minayo (2008), estudos deste caráter se aprofundam no mundo dos significados, das relações, das representações e da intencionalidade, onde a sistematização dos dados na forma de estatísticas não é prioridade. Em consonância:

[...] as características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências (CÓRDOVA; SILVEIRA, 2009, p.31).

Dentre as possibilidades da pesquisa qualitativa, está a realização de entrevistas com indivíduos que vivenciaram (ou vivenciam) situações consoantes à temática do estudo a ser desenvolvido. Neste caso, os usuários de redes sociais no ciberespaço nascidos na década de 1990 compõem o objeto de estudo, enquanto as formas segundo as quais estes usuários estabelecem relações sociais em âmbito virtual (através da criação e manutenção de perfis), configuram-se enquanto o tema da pesquisa. A partir daí, foram elaboradas as seguintes questões norteadoras: quais os recursos utilizados por indivíduos nascidos na década de 1990 para construir a sua identidade virtual e interagir com outros usuários? De que forma estes sujeitos dialogam com a alteridade no ciberespaço? Quais as implicações da utilização das redes sociais em seu cotidiano?

1.2 Procedimentos de Seleção

Para selecionar os participantes do estudo (amostra), foram considerados dois requisitos: a) que os indivíduos, através da criação de um perfil, fizessem uso de redes sociais (como é o caso do Facebook, Twitter, Instagram, entre outras), e b) que suas datas de nascimento estivessem situadas na década de 1990. Ou seja: que no período da realização da pesquisa de campo (que ocorreu durante o primeiro semestre de 2014), os entrevistados possuísssem entre 20 e 30 anos. Este recorte justifica-se com base nas considerações de Don Tapscott, que na obra "*Geração digital: a crescente e irreversível ascensão da geração net*" (1999) caracteriza os nascidos na década de 1990 como integrantes da Geração Z⁴. Segundo o autor, para estes indivíduos, um computador com internet e um celular são itens indispensáveis para o dia-a-dia. Deste modo, o celular, o computador e o tablet são considerados como extensões de seus próprios corpos - haja vista que não estabeleceram com estes aparelhos uma relação de estranhamento (LAIGNER; MARTINS; RIZZARO. 2010; FAGUNDES, 2011; FREIRE; FARIA, 2011).

O número de entrevistas foi delimitado a priori, levando-se em consideração o tempo estipulado para a produção do trabalho (um ano). O primeiro contato realizado com os participantes foi feito nas dependências do Campus da UNOESC, situado no município de São Miguel do Oeste/SC, onde, ao longo do mês de abril de 2014, a pesquisadora permaneceu em pontos estratégicos da instituição (cantina, corredores, portão de entrada e biblioteca), solicitando a colaboração dos acadêmicos para responder algumas perguntas em prol do desenvolvimento do estudo. Os itens que compunham o pequeno questionário eram os seguintes: Qual a sua idade? Quando foi seu primeiro

⁴ A Geração Z alude ao termo *Zapping* (nomenclatura inglesa que compreende o ato de trocar o canal da tv quando a programação já não prende a atenção do indivíduo). Segundo Dutra (2009), pode ser traçado um paralelo entre o *zapping* televisivo e o link da internet, pois da mesma forma que o espectador pode trocar o canal quando está desinteressado no conteúdo de determinado programa, o internauta também pode trocar de rede, de foto e de grupos quando sentir necessidade. Se um texto publicado em rede não é capaz de sustentar o interesse do indivíduo, por exemplo, basta utilizar a barra de rolagem para avaliar o próximo, destaca o autor.

acesso à internet? Você faz uso de alguma rede social no ciberespaço? Se sim, qual? Com que frequência você costuma acessar as suas redes sociais? Você se considera um usuário assíduo das redes sociais? O que motivou você a criar um perfil virtual? Se, por um motivo de força maior, você fosse impedido de acessar as suas redes sociais, como se sentiria?

Ao todo, foram preenchidos cinquenta e sete questionários. Telefone e endereço eletrônico para contato foram solicitados apenas aos vinte primeiros graduandos que se enquadraram nos dois critérios de seleção e manifestaram interesse em fornecer entrevistas. Portanto, pode-se dizer que a seleção da amostra se deu por conveniência.

Dos vinte entrevistados, onze identificaram-se como sendo do gênero feminino, e nove identificaram-se como sendo do gênero masculino. Informações referentes à área de formação e endereço residencial foram anotadas pela pesquisadora durante a coleta de dados para facilitar a comunicação com os participantes. Todavia, estas informações não foram privilegiadas no momento da análise de dados, visto que se distanciavam do foco central do estudo.

1.3 Procedimentos de Coleta de Dados

Após o agendamento das entrevistas, estruturamos um modelo pré-definido de interrogação (seguindo um roteiro semiestruturado). Apesar das entrevistas terem sido efetuadas individualmente, para todos os entrevistados buscamos dirigir os mesmos questionamentos, a fim de que as informações obtidas pudessem ser classificadas e comparadas entre si com maior rigor. Salienta-se que as perguntas foram readequadas ao contexto das entrevistas quando necessário, para que não assumissem a forma rígida de um interrogatório formal. A disponibilidade de tempo e abertura dos entrevistados para o diálogo foram respeitadas – sendo-lhes comunicado previamente que, caso se sentissem desconfortáveis, poderiam optar por não responder ou retirar a sua contribuição. Contudo, em nenhum caso isso ocorreu.

As entrevistas foram realizadas nas dependências da Universidade (mais especificamente, numa das salas de estudo da biblioteca reservada pela pesquisadora

com antecedência) – com média de quarenta minutos de duração cada. Como as respostas fornecidas pelos entrevistados foram bastante ricas e variadas, as mesmas passaram por um processo de triagem. Consecutivamente, através de um exercício de ordenação e sistematização do conteúdo das entrevistas, os trechos a serem incluídos na versão final do trabalho foram selecionados.

As entrevistas foram gravadas mediante a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), submetido à apreciação do CEP – Comitê de Ética em Pesquisa da UNOESC, e, posteriormente transcritas integralmente para a análise. Neste artigo, para ressaltar a identidade dos participantes, os seus nomes foram substituídos por números. A numeração segue a ordem de realização das entrevistas. Logo, o entrevistado denominado “E-1”, refere-se ao primeiro entrevistado, “E-2” ao segundo, e assim sucessivamente.

1.4 A Pesquisa Bibliográfica

Com base no conteúdo das entrevistas buscamos efetuar o resgate bibliográfico. Isso nos permitiu adequar a produção literária ao conteúdo proveniente da pesquisa de campo - e não o contrário. Destaca-se que na versão do relatório de pesquisa, o item que compreende a fundamentação teórica foi dividido em três etapas. Inicialmente, buscamos conceituar a pós-modernidade seguindo os vieses apresentados por Jean-François Lyotard (1988), Anthony Giddens (2002), Stuart Hall (2006), Zygmunt Bauman (1998; 1999; 2001; 2004; 2007) e David Harvey (2011). Posteriormente, os impactos e consequências da digitalização do mundo com o advento da internet, mapeados por Don Tapscott (1999), Alvin Toffler (1999), Michel Maffesoli (1996; 2000; 2003; 2005), Manuel Castells (2003; 2007), Pierre Lévy (1996; 1999; 2000) e Juan Luís Cebrián (1999) foram apresentados. Por fim, no intuito de abrir o caminho para a discussão dos dados empíricos, a construção da identidade nas redes sociais tornou-se foco de atenção. Para tanto, recorreremos aos seguintes autores: André Lemos (2004; 2010), Dênis Moraes (2000; 1997), Nicholas Negroponte (2003), Jurandir Machado da Silva e Francisco Menezes Martins (2000) – além de teses, dissertações, monografias e demais produções científicas que abordam diretamente o assunto. Neste

artigo, sintetizamos estes três itens – embora o conteúdo dos dois últimos apareça em evidência.

1.5 Procedimentos de Análise

Após concluir a etapa de coleta de dados e estruturar a fundamentação teórica, iniciamos a análise dos dados através do método hermenêutico-dialético. De acordo com Demo (1995) e Gil (1999), a dialética fornece as bases para uma perspectiva de análise que refuta a ideia de que as relações sociais podem compreendidas de modo isolado, e a hermenêutica, por sua vez, refere-se exclusivamente a arte de interpretar as formas de comunicação humana e seus enigmas (DEMO, 1995; GIL, 1999).

Para Minayo (1996; 2008) a combinação da hermenêutica com a dialética é a via que proporciona o encontro das ciências sociais com a filosofia. Nas palavras da autora, esta metodologia reconhece os fenômenos sociais sempre como produtos e produtores da atividade criadora, tanto imediata quanto institucionalizada e, portanto:

Toma como centro da análise a prática social, a ação humana e a considera como resultado de condições anteriores, exteriores mas também como praxis. Isto é, o ato humano que atravessa o meio social conserva as determinações, mas também transforma o mundo sobre as condições dadas (MINAYO, 1996, p.232).

Levando em conta que os indivíduos vivem em uma determinada realidade, pertencem a grupos e segmentos diferentes, e, conseqüentemente, compartilham um dado momento histórico, a análise hermenêutico-dialética proposita apreender e realizar a crítica das ideias expostas nos produtos sociais (discursos, textos, instituições, monumentos, etc.) “buscando na sua especificidade histórica a cumplicidade com seu tempo, e nas diferenciações internas a sua contribuição à vida” (MINAYO, 2002, p.101). A seguir, apresentamos os resultados parciais deste processo de análise.

2. Sujeitos e Identidades nas Redes Sociais

Conforme alerta Bauman (2001), o advento das novas tecnologias da informação e o seu constante uso no mundo globalizado gerou a separação de duas instâncias até então teorizadas em conjunto: o tempo e o espaço. Diferentemente da época em que a comunicação dependia do contato direto entre os indivíduos, na pós-modernidade nos é possível acessar inúmeras culturas e visitar diversos lugares com o auxílio de uma máquina. Conseqüentemente, o tempo deixa de ser mensurado a partir da duração do deslocamento de uma mensagem até um indivíduo, já que o último não mais necessita se deslocar para estabelecer relações (BAUMAN, 2001).

Segundo Harvey (2011), o grande impacto do ingresso dos indivíduos nas redes sociais é a instauração deste sedentarismo nômade⁵ que vem repercutindo de modo a acentuar a volatilidade de produtos, processos e ideias, forçando as pessoas a lidar com a descartabilidade, a novidade e as perspectivas de obsolescência instantânea. Para o autor, isso contribui para a obstrução de qualquer intenção de planejamento a longo prazo (HARVEY, 2011). Estando o futuro cada vez mais presente,

Como organizar a coerência dos eventos? Quem está à frente? [...] A multiplicidade e o entrelaçamento radical das épocas, dos pontos de vista e das legitimidades, traço distintivo do pós-moderno, encontram-se nitidamente acentuados e encorajados na cibercultura (LÉVY, 1999, p.121).

Para os entrevistados, o ingresso no ciberespaço a partir da criação de um perfil virtual numa rede de relacionamento foi incentivado por amigos próximos. A ideia de “ser deixado pra trás” aparece, neste sentido, como justificativa, evidenciando que a constante atualização dos acontecimentos é urgente e o passado (isto é, o não-atualizado) deve ser evitado a todo o custo:

Faz muito tempo que criei meu perfil na internet. Na época era o meio mais fácil de manter contato com os outros gratuitamente, mas, depois eu fui trocando os perfis para outras redes sociais. Com o tempo, se torna o teu dia a dia ter que olhar o perfil e manter ele atualizado, a questão de mostrar que

⁵ Expressão também utilizada por Denis Moraes em “*Globalização, mídia e cultura contemporânea*” (1997), mas cunhada por Jean Baudrillard.

você está “online” pesa [...]Você tem que acessar as redes com uma certa frequência para dar continuidade ao teu perfil (E-1).

O facebook é a rede social que eu utilizo, e na época em que esse site de relacionamento começou a ser mais utilizado, eu lembro que muitos dos meus amigos me perguntavam se eu tinha um perfil no facebook e tudo mais. Então, eu acho que esse foi o principal motivo que me levou a criar um perfil, como se fosse uma forma de estar inserida (E-2).

Sob a ótica de E-1, a atualização do perfil virtual é o que mantém o usuário ativo na rede. Esta atualização depende do acesso frequente, tendo em vista que somente enquanto o usuário estiver online as informações que o permitem ser identificado podem ser alteradas. Para Moraes (2000), ao inserir-se no mundo cibernético, o indivíduo tem a possibilidade de assumir o papel de ator comunicante e inscrever a sua identidade de forma análoga aos conteúdos processados neste âmbito. Logo, conforme Giddens (2002), o novo sentido de identidade passa a remeter a um novo processo de encontrar-se a si mesmo. A especificidade do momento contemporâneo, é que cada um vive uma biografia reflexivamente organizada em termos de um fluxo intenso de informações, onde “não só o ritmo da mudança social é mais rápido que em qualquer sistema anterior; também a amplitude e a profundidade com que a mudança afeta as práticas sociais e modos de comportamento preexistentes são maiores” (GIDDENS, 2002, p.22). Em consonância, as identidades têm de ser criadas e recriadas a todo instante, porque os estilos de vida atraentes e tentadores também sofrem modificações constantemente (BAUMAN, 1999).

A fala de E-2, por seu turno, salienta o papel crucial desempenhado pelo mecanismo da identificação no que diz respeito à formação de grupos no ciberespaço. Tal mecanismo está intrinsecamente ligado ao que Maffesoli (2000) denominou *primum relationis*, isto é, o princípio de relação que me une ao outro. Segundo o autor, a sociedade da informação permite a construção da identidade num mundo comum, onde “o indivíduo só é o que é na relação com outras pessoas” (MAFFESOLI, 2000, p.14). Com a transformação da afinidade em princípio comunicativo, o sujeito passa a indicar em seu perfil as informações direcionadas ao alcance de objetivos específicos (BAUMAN, 2004; AZEVEDO, 2014). O discurso de E-3 é paralelo a esta síntese: “Eu

tenho tanta rede social que o pessoal me pergunta ‘meu Deus, como é que tu mantém tudo isso?(...)’. Eu entro todo o dia mesmo (...) e cada uma dessas redes sociais eu tenho um grupo diferente de pessoas (E-3)”.

Analisando a teoria de Maffesoli acerca da formação das tribos virtuais, Correa (2006) evidencia que ao navegar na internet o indivíduo se depara casualmente com pessoas as quais descobre possuir interesses em comum e, deste modo, formam-se os grupos. Esta forma de socialidade calcada na reciprocidade permite ao indivíduo mudar de figurino conforme os valores do grupo onde está inserido, tendo a chance de participar de quantos grupos desejar. Desta forma diferenciada de *estar-junto* que a interconexão propicia, ocorre, sob a ótica de Correa (2006), a transferência ou substituição de uma lógica da identidade individualista para uma lógica de identificação mais coletiva.

Esta constatação encontra respaldo nas considerações de Taftel *apud* Pereira (2002). O autor defende que a identidade social compartilhada despersonaliza a autopercepção e ação individual e define-se em função da afiliação do sujeito com grupos aos quais pertence, gerando efeitos significativos na conduta social⁶. Faz-se imprescindível observar, neste sentido, que se a afiliação do indivíduo a uma comunidade virtual requer a “aceitação” ou “aprovação” dos demais membros desta comunidade, nota-se a íntima relação entre o sentimento de pertença e a lógica de identificação. Tal compreensão que, num primeiro momento, pode parecer simplista e um tanto óbvia, se analisada com cautela é capaz de evidenciar desdobramentos instigantes, afinal: em que medida o sentimento de pertença influencia o indivíduo a buscar se afiliar em comunidades virtuais? Poder-se-ia dizer que no momento da criação do seu perfil virtual, é latente no sujeito o anseio pelo reconhecimento do sentimento de pertença? Ou, ainda, não poderia o acesso frequente às redes virtuais traduzir a *esperança desesperada* do indivíduo em encontrar vestígios que o possibilitem identificar a si mesmo enquanto indivíduo pertencente?

Nota-se a partir destas indagações, que tanto o ato de *reconhecer/identificar o outro*, como *ser reconhecido/identificado pelo outro* são processos dinâmicos que se

⁶ Concepção que faz lembrar a teoria da representação social de Serge Moscovici.

entrelaçam no mundo virtual. Talvez a análise das relações virtuais nos permita visualizar com maior clareza esta articulação, pelo fato de que as redes de relacionamento virtual se configuram enquanto canais que propiciam a vazão das narrativas que os sujeitos contemporâneos constroem acerca de si. O curioso é que quanto mais eles se esforçam para (de)limitar de modo consistente as características individuais que acreditam possuir, mais parecem se distanciar desta possibilidade.

Este é um exercício que a criação do perfil virtual parece suscitar, afinal, a escolha dos elementos de postagem e publicação, a seu modo, compele o indivíduo a refletir sobre a aparência que quer sustentar e/ou assumir através da identidade *mode on*. Entretanto, este movimento é direcionado ao mundo objetivo, isto é, voltado mais ao outro ou ao grupo do que a si. Noutras palavras, a preocupação concentra-se em dar-se a conhecer, e não ao autoconhecer. Daí a relação com a diferença, com o diverso, com o não-familiar, ganha destaque.

Citando Lévi-Strauss, Bauman (1998) destaca que o conflito resultante do encontro do indivíduo com o desconhecido pode ser solucionado de duas maneiras: a primeira compreende o ato de aniquilar os estranhos; através da incorporação do outro, torna-se possível transformar a diferença em semelhança. Nas palavras do próprio Lévi-Strauss (2006): o meio mais simples de identificar outrem a si mesmo é devorá-lo. Já a segunda alternativa refere-se à estratégia da exclusão, onde os estranhos devem ser impedidos de se comunicar com os membros do grupo ao qual foram banidos. Poder-se-ia dizer que na rede virtual, ocorre uma espécie de antropofagia imaginária: não nos alimentamos do corpo físico do outro, mas nos apropriamos do seu mapa semântico. Somos predadores (in)conscientes que, em condições de extrema escassez de parâmetros temos o apetite voltado ao próximo.

Para tanto, segundo Maffesoli (1996; 2005), o indivíduo dedica-se a suprir as expectativas dos demais usuários da rede através da programação e simbolização de um mundo ideal. A lógica imbricada neste processo parece ser a seguinte: se o usuário publicar somente o que é pertinente ao interesse do grupo em que está inserido, provavelmente terá êxito e não será rejeitado. Neste ponto, evidencia-se o poder da opção “curtir”:

Hoje, depois de um tempo que tu posta uma foto, ou que tu posta um lugar onde tu tá, enfim, hoje eu posto fotos e, diariamente, trinta, quarenta, sessenta curtir, e, eu acho que as vezes elas são valorizadas por isso (E-10).

Olha eu sou muuuito seletiva com o que eu coloco no meu mural porque eu sou perfeccionista até o último fio de cabelo. Eu sou bem seletiva. Mas o que eu posto, eu não sei explicar. É bem difícil. Que nem, eu vou postar uma música, eu vejo a tradução dela, se ela é estrangeira né, eu olho bem, pá, escolho um trechinho, mas é tudo minimamente....tudo calculadinho (E-11)

A ideia predominante nos relatos é a de “aparecer”, de se colocar em evidência e atrair a atenção. O usuário almeja ser admirado pelo conteúdo que compartilha, afinal, ser popular é sinônimo de “fazer-parte de algo” e de “ser integrante”. Especialmente no discurso de E-10, nota-se que a utilização da rede virtual possibilita ao indivíduo selecionar criteriosamente o que mostrar e o que esconder. Percebe-se, pois, que no momento de construção de representação imaginal e simbólica de si, é latente o desejo de controlar o olhar que outrem lhe dirige. No caso supracitado, parece ter se construído um autoconceito que, no âmbito virtual, encontra sempre possibilidade de reafirmação. Dito de outro modo, a reação do outro ante a imagem criada e postada pelo indivíduo tende a confirmar (ou não) a percepção do último sobre si. Por isso é tão importante controlar, “*calcular*” tudo o que se posta, afinal, não se deve correr o risco da imagem suscitar no outro a lembrança de algo que possa não ser apreciado.

Giddens (2002) propõe a existência de um eu performativo, fazendo alusão a identidade enquanto interface de mediação, sustentada por narrativas que são passíveis de substituição. Articulando esta síntese à proposta de Lyotard (1988), observa-se que o ciberespaço propicia a emergência dos mais diversos jogos de linguagem (as pequenas narrativas). A partir daí afloram os comportamentos exibicionistas:

Eu acho que eu posto pra pessoa curtir. É porque não tem outra utilidade, tipo, é pras pessoas verem que eu fui pra balada, que eu fui ali, que eu fui pra tal cidade. Você vai tirar foto sozinho pra que? Pra por no face, né? Vai tirar foto na web pra que? Pra por no face, é claro (E-8).

No facebook, eu posto muitas fotos, adoro posta foto e tal, de onde eu tô e tal. O twitter, ele é uma rede instantânea, tu twitta tudo o que tu tá fazendo:

“agora tô lendo um livro”, “to tomando banho pra poder sair de casa”, “tô numa festa”, “tô fazendo um esquentinha pra sair em algum lugar” (E-6).

Metaforicamente, pode-se dizer que a tela do computador possui propriedades análogas as de um vidro espelhado, segundo indiciam E-6 e E-8. Há somente uma diferença entre ambos: o espelho reflete a imagem do sujeito sem atribuir significado a ela. Esta tarefa cabe ao próprio sujeito. A tela do computador, por sua vez, permite a inúmeros observadores caracterizarem, categorizarem e classificarem a imagem especular criada pelo sujeito.

A partir de então, pode-se pensar que as redes sociais possibilitam a ampliação conotativa do indivíduo, pois: se em cada rede social este possui um grupo diferente de pessoas - cujo conteúdo compartilhado influencia diretamente a forma como o indivíduo se apresenta e se relaciona –, pode-se considerar que cada rede se configura enquanto possibilidade de manifestação distinta.

Para Lévy (1996), o virtual é um ambiente interativo onde as relações entre os indivíduos se reconfiguram constantemente. Para o autor, no ciberespaço a sincronização substitui a unidade de lugar, enquanto a interconexão substitui a unidade de tempo e modifica o *sistema de proximidades práticas*. Quando erguemos as mãos do teclado, apontam de maneiras semelhantes Cebrián (1999) e Negroponte (2003), o computador não tem como saber se esta pausa é para reflexão ou se fomos almoçar. Poderíamos estar de costas, quando a pessoa com quem estamos conversando via internet nos apresenta uma informação importante, enquanto que, no confronto face a face, o contato direto entre os indivíduos permite ao emissor decodificar as expressões faciais do receptor e vice-versa (NEGROPONTE, 2003). A leitura da linguagem não verbal, neste sentido, torna mais difícil ao indivíduo transmitir somente o conteúdo intencionado, e facilita ao receptor da mensagem captar, inclusive, aquilo que não pretendia ser comunicado.

Nesta vertente, os entrevistados evidenciam as discrepâncias que observam:

Na rede social, a autoestima está sempre alta (ou muito baixa), a beleza sempre presente, todos tem dinheiro, todos são amigos de todos fazem festas e são super felizes. Existe muita competitividade de status. Sabe, eu percebo

muita diferença no perfil virtual do perfil real. Muitas vezes você olha a pessoa fora da tela e percebe que ela não tem o visual do perfil, tem dívidas, mas as festas não param (E-17).

Penso que virtualmente você pode ser quem você quiser, coisa que pessoalmente não se consegue. Acho que todos tentam ser um pouco diferente em suas redes sociais, tentam suprir aquilo que mais faltam neles como pessoa, seja inteligência, autoestima, personalidade, beleza, etc (E-15).

O relato de E-15 ilustra que a rede virtual, de certa forma, proporciona uma espécie de compensação de qualidades. Aqui, faz-se imprescindível esclarecer que as informações lançadas em rede, pelo fato de desvincularem-se rapidamente dos seus autores (BAUMAN, 1999; 2001), não precisam ser submetidas a provas objetivas para serem validadas. Criou-se uma espécie de acordo entre os usuários, onde todos estão predispostos a acreditar que tudo aquilo que o outro posta é verossímil⁷ (CORREA, 2006; COELHO, 2002).

Neste sentido, argumenta Giddens (2002), o indivíduo passa a questionar-se a respeito daquilo que deve vestir, o que deve comer, enfim, como deve agir para ser aplaudido socialmente, sem necessariamente prezar pela coerência. Logo, a busca frenética da visibilidade social através da virtualização da ideia de si nas redes sociais, denuncia um dos propósitos a que grande parte dos usuários parece se colocar a caminho: o de se tornarem 'celebridades'.

Em consonância, destacam Freire e Faria (2011) que as facilidades proporcionadas pela tecnologia eletrônica tendem a fomentar a dissolução de habilidades relacionadas ao engajamento dos indivíduos em interações espontâneas. Conseqüentemente, pode-se considerar que tanto os equipamentos domésticos quanto a variedade de serviços online configuram-se enquanto marcas de um novo padrão de relações sociais (BRITTO, 2009). Como a Sociedade da Informação estrutura-se a partir de um contexto de aceitação na qual o desenvolvimento tecnológico remodela o modo de agir, relacionar o existir dos indivíduos através dos aparatos comunicacionais vigentes, tudo parece ter se tornado mais rápido e ágil (KOHN; MORAES 2007). As implicações do

⁷ Basicamente, esta condição caracteriza o que Jean Baudrillard denomina "cultura de credibilidade".

relacionamento dos usuários utilizando utensílios eletrônicos como mediadores é percebido pelos entrevistados:

É, no ciberespaço não tem demora. Então é bem mais fácil se comunicar, oferecer, comprar, mentir e se enganar. O livro da face [gesticula sinal de aspas com as mãos], digamos assim, mostra um produto comprável. E é esse “tipo” de gente que mais tem. Que se vendem, ou vendem um produto falso, uma realidade falsa e por estar dentro desse mundo posso dizer que me encaixo, eu acho (E-13).

A maior influência das redes é tornar as pessoas influenciáveis e vulneráveis a qualquer chamariz. Tornam as pessoas dependentes de atenção de qualquer estranho. As pessoas passam a viver no real para ter com o que se manter online na rede, sabe? Isso pode acabar deixando essas pessoas ainda mais frustradas com suas reais vidas e querendo algo que elas nunca terão ou serão (E-18).

Conforme aponta Ianni (2003), no mundo virtual modificam-se as articulações que contornam os núcleos de significado e definem as noções de parte e todo, passado e presente, história e memória, da mesma forma que as concepções de “eu” e “outro”, “nós” e “eles”, são redesenhadas. Os relatos acima fazem menção a esta mudança de *figura e figuração* de que nos fala o sociólogo, a qual repercute na produção de sujeitos e identidades.

Sob a ótica dos entrevistados, o mundo virtual refere-se à possibilidade dos indivíduos realizarem as fantasias imaginárias que dão suporte a ideia de felicidade. Por ser um ambiente que não dita e/ou fiscaliza a conduta dos usuários, conforme aponta Lemos (2004), o ciberespaço promove a simbolização das fantasias individuais (mas não as cria – afinal, muito antes de serem expostas na tela, elas habitavam a mente dos homens). Neste mesmo viés, o ciberespaço é a encarnação tecnológica do velho sonho de criação de um mundo paralelo, de uma memória coletiva, do imaginário, dos mitos e símbolos (LEMOS, 2004; 2010).

Se pensarmos na criação de perfis virtuais falsos, onde determinada pessoa se apropria do nome e da imagem de outra, esta questão torna-se ainda mais interessante. Em casos assim, o indivíduo tem consciência de que a imagem compartilhada como sendo

sua, é de outrem, mas pressupõe que os amigos online desconhecem este fato. Em outras palavras, o indivíduo está solicitando que os usuários o reconheçam como sendo justamente alguém que não é. A experiência de “ser o outro” no ciberespaço é profundamente complexa, pois, embora ciente da usurpação, nestas situações parece ser difícil para o indivíduo compreender que os elogios e curtidas que recebe não dizem respeito a si, mas a este outro cuja imagem se apoderou e (re)inventou.

Quando os indivíduos tentam expressar, por meio de postagens e compartilhamentos, a ideia que possuem acerca de si, estão dizendo ao outro como eles devem pensar a seu respeito. Destarte, ao formularem seus perfis virtuais buscando enquadrá-los num conjunto de características que almejam possuir, estão propondo regras de observação a serem seguidas pelos outros usuários (BAVARESCO; CRESTANI 2016).

Para Lev (1996) e Castells (2007), a inserção do indivíduo no mundo virtual depende de artefatos materiais (como é o caso do computador, celular, etc), mas estes instrumentos permitem a exposição de um mundo ideal. O ciberespaço, seguindo esta linha de raciocínio, seria exatamente a etapa transicional onde tanto o concreto não se abstrai totalmente, quanto o abstrato, de fato, não chega a se materializar.

Para Lima (2006), o computador introduz uma nova modalidade de virtualidade interativa que se constitui numa plasticidade que ao mesmo tempo liberta e aprisiona. Sendo assim, como decorrência da abstração de instantâneos, a diferença que coloca o “eu” separado do “não eu”, não se apresenta de forma pré-ordenada no ciberespaço, onde os estranhos são, concomitantemente, subprodutos e meios de produção do incessante e inconclusivo processo de construção da identidade (BAUMAN, 1998), visto que nas redes sociais é a dinâmica da atualização que dita o percurso. O primordial é manter-se em destaque, ser comentado e obter o maior número de curtidas possíveis; a média de “likes” configura-se enquanto parâmetro de popularidade. Na era do instantâneo, engajar-se em projetos que visam resultado a longo prazo não parece interessante.

Para Lévy (1999), esta é uma das principais implicações da inserção dos indivíduos nas redes sociais do ciberespaço. Segundo o autor, antes do advento da internet e da expansão das redes sociais, as mensagens tinham de ser necessariamente e

exaustivamente contextualizadas para que pudessem ser compreendidas. Para tanto, era comum entre os atores comunicantes recorrer à Igrejas, Escolas e demais instituições para que estas legitimassem o sentido das suas enunciações. Hoje,

[...] devido ao fato da iminente colocação em rede de todas as máquinas do planeta, quase não há mais mensagens “fora de contexto”, separadas de uma comunidade ativa. Virtualmente, todas as mensagens encontram-se mergulhadas em um banho comunicacional fervilhante de vida, incluindo as próprias pessoas, do qual o ciberespaço surge, progressivamente, como o coração (LEVY, 1999, p.109).

A partir daí, nota-se que diferentemente das comunidades locais, as comunidades cibernéticas não possuem limites físicos. Suas extensões não podem ser medidas em quilômetros, mas em quilobytes. Se, outrora, a cultura - por meio de leis, regulamentos e normas - tinha papel decisivo na formação da aliança entre os membros de uma comunidade, a cibercultura não propõe um modelo pautado na conservação da ordem. No ciberespaço, os grupos tendem a unir-se por interesses comuns, que são passíveis de revisão, transformação e substituição.

Destarte, os relacionamentos em geral tendem a ser uma forma de convívio onde cada um entra pelo que pode ganhar e mantém-se apenas quando as duas partes pensam estar obtendo benefícios (BAUMAN, 2004). A este respeito, manifestam-se os entrevistados:

Eu não adiciono qualquer pessoa no meu facebook. Esses dias eu tava, inclusive, apagando, porque tem gente, assim, que eu não gosto do que elas postam, elas não interagem comigo daí eu vou ter pra quê, né? Então eu vou deletando (E-09).

Na rede, num dia eu posso ser interessante para muitos, e, no outro, ser ignorado completamente. As relações são assim na rede social, é assim que somos avaliados, entende? Tudo é muito rápido, você posta uma foto aqui, a pessoa já curte lá e isso gera tipo um círculo vicioso. O que me chama muito a atenção nisso tudo é que a gente sempre tem mais amigos na rede social do que pessoalmente. Parece que isso também tem um certo valor no status virtual (risos). Agora, se todos esses amigos te ajudassem quando você precisa,

nas horas difíceis, que você precisa de apoio e tal, seria ótimo, seria muito bom. Mas é claro que isso nunca acontece, né!(E-20).

A forma segundo a qual os relacionamentos se estabelecem no âmbito virtual revela uma forma peculiar de intimidade: aquela, cuja autenticidade depende do olhar do outro (ROXO, 2011); ser tudo e somente aquilo que conseguir mostrar parece ser o lema dos indivíduos que fazem uso de redes sociais. Consequentemente, tudo aquilo que não pode ser transposto em signo e que, portanto, não pode ser representado na forma de postagem tende a perder a utilidade e/ou ser rechaçado (LYOTARD, 1988).

Especificamente no relato de E-20, percebe-se a supervalorização das imagens: nas redes sociais, elas são o principal elo entre os usuários; se não há compartilhamento as redes perdem o sentido de existir. É nesta direção que Maffesoli (2005) argumenta que na pós-modernidade reina a “ética da estética”, pautada no culto a tudo aquilo que pode ser transferido para o desktop de um computador. Os relacionamentos se tornam atrativos quando fugazes; o “*Carpe Diem*” - expressão que traduzida do latim significa “aproveite o dia” - tem nesta matriz um lugar privilegiado (MAFFESOLI, 2005). A grande questão é: como isto repercute para além do ciberespaço, onde os vínculos sociais não se constroem (e se destroem) a partir de clic’s?

O propósito inicial de nosso estudo era justamente evidenciar, por meio do conteúdo das entrevistas, que devido ao fato de estarem familiarizados com os instrumentos tecnológicos e fazerem uso constante dos mesmos para estabelecer relações sociais, os entrevistados não saberiam elencar de modo preciso as diferenças entre estar *on* e estar *off*. Pressupomos que tais sujeitos não teriam problematizado a relação que estabeleceram com os aparelhos eletrônicos interconectados e, consequentemente, não caracterizariam o advento das redes sociais como um fenômeno impactante em suas vidas. Através da pesquisa de campo foi possível perceber que na tentativa de teorizar a respeito, alguns dos entrevistados (como é o caso de E-20), definem o mundo virtual e o mundo real como opostos complementares. Para acentuar as discrepâncias entre uma e outra esfera, percebeu-se constante referência ao ciberespaço como um espaço onde os seus ideais podem ser dados a conhecer. Em contraposição, o mundo desconectado - sem photoshop e sem *ctrl+c/ctrl+v* - seria mais cruel e, portanto, menos

atrativo. Neste caso, percebe-se que as redes sociais podem funcionar como mecanismos de catarse (considerando tanto a acepção psicanalítica quanto aristotélica do termo).

Falando, agora, sobre a frequência do acesso às redes, os entrevistados relatam:

Eu entro nas redes sociais em média de 4 a 6 horas por dia, já perdi um emprego por causa do uso da rede social, eu ficava muito, muito, muito, muito nas redes sociais. Sei lá, a rede me chama, me sinto desatualizado se não acesso, é como um vício pra mim (E-15).

Depois de um tempo é difícil você ficar sem. Se eu não tivesse, talvez não sentiria tanta falta de ficar sem acessar a rede. Mas como já estou habituado a entrar no face, entrar no twitter, isso faz parte da minha rotina agora. Eu ia achar tudo muito estranho (E-17).

Os depoimentos de E-15 e E-16 destacam a dificuldade dos entrevistados em restringir a frequência e o tempo de acesso às redes. Especificamente no relato de E-15, percebe-se que o mesmo define as redes sociais como um vício. Neste sentido, quando o indivíduo se caracteriza enquanto dependente, percebe-se tamanha a interferência do ciberespaço em sua rotina, no desempenho de suas atividades, enfim, na sua forma de viver.

Por conseguinte, ainda que as mudanças não sejam percebidas pelos entrevistados com base no “antes” e “depois” do advento da internet (visto que tiveram contato com os aparelhos eletrônicos ainda na infância e, portanto, estão familiarizados com estes utensílios), os mesmos percebem discrepâncias nas formas de ser nas redes sociais e fora delas. Para E-12 e E-14, as redes sociais funcionam como uma espécie de “bússola” para o estabelecimento de conversação *tête a tête*, sendo muito comum que pessoas desconhecidas sejam adicionadas como “amigos” em suas redes antes da conversação pessoal.

Dito de outra forma, é por meio da comparação entre as informações disponibilizadas pelos usuários e as informações que compõem o perfil do indivíduo, que este último decide se relacionar ou não. Isso nos conduz ao entendimento de que a criação de vínculos associativos no âmbito virtual pode ser interpretada como uma atitude que

tende a prevenir o enfrentamento da incompatibilidade fora desta esfera. Portanto, as redes sociais oferecem aos usuários a possibilidade de exercer a pré-seleção, onde contatos são estabelecidos somente com aqueles “outros” nos quais se identifica algum potencial de afinidade (seja em relação aos gostos, aparência, estilo de vida, etc).

Complementando esta ideia, Faber (2011) acrescenta que a internet e as redes sociais criaram vários fenômenos simultâneos que permitiram aos indivíduos consumir informação de forma compartimentada “como se cada compartimento fosse uma peça de quebra-cabeça. Ninguém mais quer montar todo o quebra-cabeça. As pessoas querem separar apenas as peças que as interessam para lhes dar o conhecimento desejado” (FABER, 2011, p.07). Isto revela claramente que através das redes sociais, novos sujeitos e identidades são produzidos. Não se trata apenas de “usar” as tecnologias para “acessar” as redes sociais. Estes novos sujeitos e identidades se fundem e se confundem com as novas tecnologias e os personagens que atualizam nas redes sociais através de login e senha. Não se trata tanto dos usos das redes sociais, mas sim dos modos de ser atualizados permanentemente e que perpassam indistintamente o que se convencionou chamar de real e virtual. O real também é virtual e vice-versa, e os novos sujeitos e identidades representam os pontos de fusão e de fissão que resultam destes processos.

Considerações finais

A partir do desenvolvimento desta pesquisa foi possível perceber que as redes relacionamento virtual não constituem apenas mais uma experiência para os indivíduos conectados. Elas produzem sujeitos e identidades variadas, cujos referenciais estão em constante mudança. A forma peculiar segundo a qual os indivíduos se relacionam online contribui para alterar não só as noções de proximidade e distanciamento. Próximo não é somente o que é palpável, assim como o distante não se resume ao intocável. As redes sociais reafirmam isso a todo instante. Por exemplo: para um indivíduo interconectado conhecer a casa de outro, não é

preciso que ele necessariamente se desloque: a casa pode ser deslocada através do compartilhamento de um vídeo ou de uma foto. Neste caso, uma foto pode vir a substituir uma visita.

Através de um computador e de um perfil virtual, os indivíduos interagem com inúmeras pessoas, conhecem inúmeros lugares, mas enquanto o faz estão sozinhos diante de um aparelho eletrônico que muitas vezes lhe serve de escudo face a ameaça que o diferente e o diverso representam. As concepções de “respeito” e “aceitação” aparecem como sinônimos: onde os indivíduos passam a adicionar como amigos somente aqueles em que identificam interesses (e gostos) afins, só curtem postagens cujo conteúdo são complacentes e só partilham informações que contribuem para o reforçar o seu ideal de ego (ou que lhe rendam algum tipo de prazer – como, por exemplo, a sensação de estar sendo admirado e/ou desejado). Enfim: só há respeito quando há aceitação. Assim, o contato com o diferente tende a ser associado à ideia de conflito, de crise. Respeitar o que inflige ameaça, incita indagação, não é razoável. É preciso excluir, bloquear, negar a sua força simbólica.

Neste mesmo viés, destaca-se que para fazer parte de uma comunidade ou grupo virtual específico, é preciso que os usuários assumam e demonstrem publicamente a sua identificação com as mensagens valorizadas pelos demais membros. Novamente, analisar como isso se processa para além do ciberespaço faz-se fundamental, considerando que o âmbito virtual dá margem para manifestações individuais e coletivas de cunho opressor e discriminatório envolvendo as mais diversas questões (como LGBT, racismo, intolerância religiosa, etc.).

Outro aspecto que chamou a atenção a partir do desenvolvimento desta pesquisa foi que os entrevistados demonstram intensa preocupação em atrair a atenção, de uma forma ou de outra. A postagem de fotos com a intenção de receber “curtidas”, pode encobrir o outro lado desta moeda chamada popularidade: a carência afetiva. Um curtir é entendido como uma declaração de amor endereçada ao outro, mas também a si próprio. A lógica da dinâmica que dá sustentação ao compartilhamento de imagens, em consonância, é narcísica; o usuário parece considerar a seguinte premissa: “quanto mais curtidas as minhas postagens possuem, mais amado me sinto”. Este ponto,

obviamente, abre um leque de questões a serem discutidas, uma vez que a necessidade de exposição desempenha um papel importantíssimo na constituição de novos sujeitos e identidades. Do mesmo modo, a construção dos chamados perfis “fakes”: uma das formas de apropriação da imagem dos outros, onde a dinâmica especular parece se inverter.

São estes alguns dos desafios a serem considerados no desenvolvimento de estudos posteriores sobre o tema, haja vista a impossibilidade de contempla-los de forma integral neste único trabalho. Para tanto, contribuições de muitos precisam se somar, se contrapor, se distanciar e se aproximar a fim de que os entendimentos sobre os sujeitos e identidades que vem sendo produzidos nas redes sociais possam ser ampliados. A pretensão deste artigo foi tão somente de se inserir neste processo de conhecimento contribuindo para a elucidação destes sujeitos e identidades.

Referências

- AZEVEDO, T. G. Identidade digital: a crise das identidades no ciberespaço. **Artefactum**. 2014. Disponível em: < <http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/225/280>> Acesso em 15 Dez, 2014.
- BAUMAN, Z. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- _____. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. **Modernidade líquida**. Jorge Zahar Editores. Rio de Janeiro, 2001.
- _____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BAVARESCO, P.R. e CRESTANI, T. G. Z. C. Identidade online: uma breve reflexão. In: PIRES, Mixilini Chemin. LIMA, Nédio Dariva Pires de (Org). **Ensaio jurídicos**. São Miguel do Oeste: Editora Unoesc, 2016.
- BRITTO, R.R. A sociabilidade contemporânea e o ciberespaço. **Ciberteologia**. Ano IV, n.28. 2009. Disponível em: < <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/2010/03/06AsociabilidadeContemporaneaCiberespaco.pdf> > Acesso em 10 Jul, 2014.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

_____. **A sociedade em rede.** 10. ed. São Paulo: Paz e terra, 2007.

CEBRIÁN, J.L. **A rede.** São Paulo: Summus, 1999.

COELHO, C. N. P. **Tecnologia e Informação.** A comunicação virtual segundo Lev e Baudrillard: uma visão crítica. 2002. Disponível em: < <http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/07/A-comunica%C3%A7%C3%A3o-virtual-Segundo-L%C3%A9vy-e-Baudrillard.pdf> > Acesso em 12, Out, 2014.

CÓRDOVA, D.T; SILVEIRA, F. P. A pesquisa científica. In: **Métodos de pesquisa.** Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira (Org). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

CORREA, C. Uma abordagem teórica sobre a formação de tribos virtuais: do banal ao intelectual. **Gepicc.** 2006. Disponível em: < <http://www.gepicc.ufba.br/enlepicc/pdf/CynthiaCorrea.pdf>>. Acesso em: 15 de nov. 2014.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

DUTRA, D. I.. Literatura e leitura no mundo atual: apontamentos sobre a influência das novas tecnologias no processo de leitura e produção de sentido. In: GOMES, Neiva Maria Tebaldi. GOMES, Leny da Silva. **Teorias de linguagem e praticas de sala de aula: um diálogo possível.** Caderno do III colóquio sobre ensino de língua e literatura. Porto Alegre: UniRitter, 2009.

FABER, J. A Geração Z e a evolução das revistas científicas. Editorial. **Dental Press J Orthod.** 2011. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2176-94512011000400001&script=sci_arttext > Acesso em 12 Jul, 2014.

FAGUNDES, M. M. **Competência Informacional e Geração Z:** um estudo de caso em duas escolas de Porto Alegre. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Biblioteconomia) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/37536>>. Acesso em: 16 fev. 2013.

FREIRE, A. E. D. e FARIA, M. V. B. **Linguagem e identidade no twitter:** a pós-modernidade em 140 caracteres. In: XIX Semana de Humanidades da UFRN. Anais da XIX Semana de Humanidades da UFRN, 2011. Disponível em: < www.cchla.ufrn.br/shXIX/anais/GT31/alanfreire_shXIX_anais.pdf > Acesso em: 13 Ago, 2014.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

IANNI, O. **Enigmas da modernidade-mundo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

KOHN, K. e MORAES, C, H. O impacto das novas tecnologias na sociedade: conceitos e características da sociedade da informação e da sociedade digital. **Intercom** . In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2007. Disponível em: < www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1533-1.pdf > Acesso em 05 Dez, 2014.

LAIGNIER, P. MARTINS, S. e RIZZARO, F. Celular: a prótese da interação mediada. **Intercom**. In: XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Vitória, ES. 2010. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2010/resumos/R19-0279-1.pdf> > Acesso em: 20 Nov, 2014.

LEMONS, A. **Cibercultura e Mobilidade**: a Era da Conexão. 2004. Disponível em: < <http://www.cem.itesm.mx/dacs/publicaciones/logos/anteriores/n41/alemos.html> > Acesso em Out, 2014.

_____. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LÉVI-STRAUSS, C. Somos todos canibais. Tradução do francês por Dorothea Voegeli Passetti. Revista Verve. São Paulo: PUC. 2006. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5123/3650>> Acesso em 11, Jan, 2017.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed 34, 1999.

_____. **O que é o Virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. **Para navegar no século XXI**: tecnologias do imaginário e cibercultura. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2000.

LIMA, N. L. O fascínio e a alienação no ciberespaço: uma perspectiva psicanalítica. 2006. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Disponível em: < <http://www.psicologia.ufrj.br/abp/>> Acesso em Dez, 2014.

LYOTARD, J. F. **O Pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. Mediações simbólicas: a imagem como vínculo social. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. **Para navegar no século XXI**: tecnologias do imaginário e cibercultura. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2000.

_____. A comunicação sem fim: teoria pós-moderna da comunicação. **Revista Famecos**. 2003. Disponível em: <

<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/viewFile/336/267>>
Acesso em 21 Ago, 2014.

_____. **Transfiguração do político:** a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MARTINS, F.M e SILVA, J. M. **Para navegar no século XXI:** tecnologias do imaginário e cibercultura. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2000.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento.** Pesquisa qualitativa em saúde. 4 ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1996.

_____. O Desafio da Pesquisa Social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza et. Al. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. Hermenêutica-Dialética como caminho do Pensamento Social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suelly Ferreira (Organizadoras). **Caminhos do Pensamento: epistemologia e métodos.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

MORAES, D. (Org). **Globalização, Mídia e Cultura Contemporânea.** Campo Grande, Letra Livre, 1997.

_____. A ética comunicacional na internet. 2000. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-etica-internet.pdf>> Acesso em 21 Dez, 2014.

NEGROPONTE, N. **A vida digital.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PEREIRA, M. E. **Psicologia social dos estereótipos.** São Paulo: EPU, 2002.

ROXO, L. A. **Os sintomas da pós-modernidade na sociabilidade virtual.** In: VIII POSCOM - Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio. 2011. Disponível em: < <http://pucposcom-rj.com.br/wp-content/uploads/2011/11/Os-sintomas-da-p%C3%B3s-modernidade-Luciana-Roxo-2.pdf> > Acesso em 15 Dez, 2014.

TAPSCOTT, D. **Geração digital:** a crescente e irreversível ascensão da geração net. São Paulo: Makron Books, 1999.

TOFFLER, A. **A terceira onda.** Rio de Janeiro: Record, 1999.

*Recebido em 26/09/2017
Aprovado em 27/12/2017*